

FORMA E ENTOAÇÃO: A REPETIÇÃO ORACIONAL EM NARRATIVAS ORAIS*

*Rosália Dutra***

RESUMO

Este trabalho enfatiza a importância da melodia entoacional na caracterização de repetições oracionais. Argumenta-se que é preciso considerar tanto a forma quanto o contorno entoacional da oração repetida para que se possa chegar a uma descrição e a análises satisfatórias da sistemática repetição de orações num texto oral. Discute-se, ainda, a função concatenadora da oração repetida, seja ligando partes não contíguas de um texto, seja mostrando os limites entre segmentos oracionais distintos, mas inter-relacionados.

1 Introdução

1.1 Um dos problemas mais sérios com que se depara o lingüista que busca nos dados reais de fala evidências para uma eventual compreensão da natureza do fenômeno gramatical é a questão da metodologia usada na coleta e transcrição do material lingüístico a ser analisado. Ochs (1979), num artigo cujo título "Transcription as theory" traduz claramente a preocupação com questões metodológicas, observa que o fato de se estar utilizando material lingüístico extraído de situações reais de fala, através do uso de áudio ou vídeo cassetes, não elimina o problema da observação seletiva. Toda transcrição, por refletir naturalmente interesses específicos do pesquisador, é inevitavelmente seletiva. Portanto, conclui Ochs, o "corpus" do lingüista não é o que se apreendeu nas gravações feitas, mas **a transcrição resultante desse material**. Essa é uma constatação que traz conseqüências sérias e interessantíssimas para o trabalho do lingüista de uma maneira geral. Sérias porque catalogação e descrição afetam diretamente nossas análises e conclusões, e interessantes porque as dificuldades que encontramos nos mostram, repetidamente, uma gramática que ainda está por se fazer.

* Trabalho apresentado no V Encontro Nacional da ANPOLL. Recife, Pernambuco, 1990.

** Universidade Federal de Minas Gerais – University of North Texas.

Uma vez que as generalizações a que chegamos são resultado do que colocamos numa transcrição (em oposição ao que *deixamos* de colocar), Ochs conclui seu trabalho com um apelo ao pesquisador para que considere com muito mais cuidado e atenção o processo de coleta, transcrição e catalogação dos dados. A meu ver, o apelo continua válido, pois não me parece que questões metodológicas têm recebido a devida ênfase nos estudos atuais no campo da análise do discurso.

1.2 Este trabalho tem duas preocupações centrais e complementares:

- a) uma preocupação mais específica ou prática, que consiste em tentar fornecer uma resposta a um problema metodológico: como catalogar as repetições num “corpus”, para efeito de análises estatísticas, por exemplo? O que nos leva a considerar certas repetições como uma única entrada e outras como duas ou mais entradas independentes, como se fossem, na verdade, orações diferentes?
- b) uma preocupação mais geral ou teórica, que aponta para os perigos de se partir de definições e conceitos apriorísticos para a investigação de um determinado fenômeno gramatical. É claro que, de uma maneira geral, todo trabalho de pesquisa parte de definições que são reformuladas e aprimoradas no decorrer da pesquisa. Mas uma investigação que parte de situações reais de uso da língua recebe constante “feedback” dos dados observados e, conseqüentemente, se encontra, a cada passo, diante da necessidade de reformular essas noções iniciais e de buscar uma linguagem capaz de expressar o dinamismo lingüístico do registro oral.

Em suma, o presente trabalho procura mostrar que as noções com que inevitavelmente abordamos um texto oral para delimitar uma unidade de análise qualquer são simplesmente pontos de partida, ferramentas iniciais para trabalhar com os dados e, a partir destes, aperfeiçoar, refinar e redefinir essas noções primeiras e, eventualmente, a própria natureza do fenômeno lingüístico.

2 O problema

2.1 O que é, então, uma repetição?

Partindo-se do pressuposto de que repetições oracionais são seqüências que ocorrem mais de uma vez num texto, é possível, em princípio, isolar orações repetidas de orações não repetidas. Cada repetição estaria, portanto, relacionada a um segmento inicial que deu origem ao segmento repetido, isto é, cada repetição estaria, por definição, relacionada a uma matriz. Dada a complexidade de um segmento oracional, muitas seqüências apresentam pequenas variações com relação à matriz:

elipse de sujeito (ex. 6), substituição de um sujeito lexical por um sujeito pronominal (ex. 1), elipse de certos complementos verbais, normalmente do objeto direto (ex. 9, linhas 13 e 22), inserção de conectivos (ex. 3), etc.

Outras vezes a variação entre matriz e repetição é bem mais acentuada. Nesses casos, são os complementos verbais que tipicamente apresentam variação de oração para oração, repetindo-se apenas a forma verbal da matriz (exs. 15, 16, 17). Esses e outros casos semelhantes de variação nos colocam inevitavelmente diante do problema da delimitação do grau de variação aceitável entre uma oração e outra, para que esta possa se constituir como uma repetição.

Um outro problema pouco discutido na literatura é o da importância da distância entre a matriz e a seqüência repetida. Nesse sentido, Tannen (1987, p. 586) observa a presença de uma escala temporal que vai desde **repetições adjacentes** (“immediate repetitions”) a **repetições distanciadas** (“delayed repetitions”). Ela nota que

a questão de onde, nessa escala, situar as repetições mais afastadas levanta o problema do quão distante da matriz (no tempo, em se tratando de fala, e no espaço, em se tratando da escrita) uma repetição pode ocorrer e ainda assim ser considerada como repetição.¹

Em outras palavras, mesmo que a identificação de uma repetição oracional seja relativamente simples quanto à forma gramatical, a classificação desta forma como repetição depende ainda de questões ligadas à organização do discurso.

No entanto, o problema mais sério na caracterização do que constitui uma repetição está, a meu ver, na pouca atenção que questões prosódicas têm recebido nos estudos sobre repetição. Com exceção de Tannen (1987, 1989), que discute brevemente a repetição fonológica e prosódica, como a repetição do **ritmo** de certas seqüências no discurso (“patterned rhythm”), os trabalhos sobre repetição têm dado atenção especial à **forma** gramatical desses segmentos repetidos. Mais especificamente, atenção às variações que esses segmentos apresentam e às várias funções que essas repetições desempenham no discurso.

Algumas das funções atribuídas à repetição incluem: facilitar o processo de transmissão de informação, sinalizar a informação-chave, indicar mudança de tópico, indicar solidariedade, ênfase, e envolvimento interpessoal (cf. Brody 1986, Tannen 1987, 1989). É, no entanto, como estratégia de organização ou de concatenação de segmentos no discurso – isto é como mecanismo que liga um conjunto de orações a outro – que a repetição oracional tem sido mais amplamente discutida na literatura (e. g. Halliday e Hasan, 1976; Grimes, 1975; Polanyi, 1978; Tannen, 1987; Brody, 1986; Longacre, 1979 e outros). O presente trabalho examina a função concatenado-

¹ No original: “There is also a temporal scale ranging from immediate to delayed repetition. (The question of where the latter end of the scale is situated raises the question of how distant – in time, when speaking, or in space, when writing, – a second utterance may be, and yet be seen as repetition.)”.

ra da repetição oracional no discurso, não só quanto à forma dessa repetição, mas também quanto ao contorno entoacional em que se insere a oração repetida.

2.2 A função concatenadora da repetição oracional

Uma estratégia discursiva bastante comum em textos narrativos (cf. Polanyi, 1978; Tannen, 1987; Brody, 1986; Longacre, 1979 e outros) é o uso da repetição da última oração narrativa – mais especificamente do último sintagma verbal – para se retomar o fio da meada num determinado relato, depois de uma pequena interrupção. Por exemplo:

- (1) *Aí a madre foi e **bateu o olho na Santa Ceia assim** Já tinha ganho uma porção de coisas ali, cadeira giratória, cadeira giratória aquela do escritório dele, a mesinha do escritório, com a cadeira giratória, tudo deu pra irmã.
Aí na hora que ela bateu o olho assim na Santa Ceia ela virou pro papai...*

Usando a terminologia empregada por Hopper (1979), repetições como a sublinhada em (1) acima, exemplificam como o falante volta à “figura”, ou à narrativa propriamente dita, toda vez que interrompe a narração para fazer um comentário qualquer. Essas repetições que retomam a estória são acompanhadas de uma melodia entoacional que é também repetida, ou seja, é a mesma melodia do segmento matriz.² Quando matriz e repetição apresentarem basicamente a mesma forma oracional, acompanhadas do mesmo contorno entoacional, direi que estamos tratando de repetições homogêneas.

Repetições homogêneas com função concatenadora podem ocorrer bastante próximas ou praticamente adjacentes à matriz. Na verdade, a quantidade de material lingüístico que se interpõe entre matriz e repetição pode variar, como nos exemplos (2)-(4) abaixo, em que há uma diminuição gradativa de material lingüístico entre as orações em questão:

- (2) *Bem, a estória é... é... começa com... um camponês
apanhando peras
- eu acho que é pera mesmo -
pera é verde, né?
apanhando peras e...
então... cai uma pera e...*

² As orações que compõem a ‘figura’ num texto narrativo apresentam uma melodia própria que as distingue das orações que compõem o resto do texto. Wallace Chafe (comunicação pessoal) tem observado para o inglês que as orações que constituem a narrativa propriamente dita apresentam, em termos de entoação, uma altura maior (i.e. a higher pitch) do que o resto do texto não-narrativo.

(3) *Aí tinha uma pedra no meio do caminho
 ele tava é...
 a **bicicleta bateu**
 foi olhar a menina né?
Aí a bicicleta bateu /
 ele caiu,*

(4) *Eu sei que / quando a menina passa por ele,
ele tromba numa pedra, numa pedra \neg //
ele tromba numa pedra,
 e cai com a bicicleta
 e derrama as frutas*

(\neg = entoação descendente e derrama as frutas não-terminal com ligeiro alongamento da vogal final, seguida por uma pausa relativamente longa, aqui indicada por //)

Essas repetições homogêneas são exemplos claros de retomadas do texto narrativo não só depois de seqüências descritivas ou explicativas que se interpõem entre matriz e repetição, como em (1)-(3), mas também depois de qualquer quebra do ritmo narrativo, ainda que breve, como em (4). Nesse último exemplo, o falante parece que ia acrescentar alguma informação quando repete o sintagma numa pedra, mas, depois de uma pausa, abandona o que ia dizer e retoma a narração, repetindo a última oração narrativa. Em suma, para retomar o fluxo narrativo, a repetição pode ocorrer tanto bem próxima, quanto a certa distância da matriz.

Nem toda repetição oracional concatenadora é, no entanto, uma repetição homogênea. Ou seja, os dois traços aqui usados para caracterizar uma repetição homogênea – **forma** e **entoação** – nem sempre coincidem em outras repetições oracionais usadas com função concatenadora. A repetição oracional pode ocorrer com as seguintes variações: a) mesma forma gramatical com entoação diferente; b) forma gramatical diferente com a mesma entoação; c) forma gramatical parcialmente alterada com a mesma entoação e, finalmente, d) mesma forma gramatical com entoação ligeiramente alterada. Este trabalho examina mais detalhadamente as opções (a) e (b). A penúltima alternativa, (c), será discutida, brevemente, em 2.5 abaixo, e a última alternativa, (d) – mesma forma gramatical com entoação ligeiramente alterada –, não será discutida nesse trabalho por falta de método adequado para estabelecer o mais claramente possível o que caracteriza uma entoação ligeiramente alterada.³ Seguem, abaixo, exemplos e discussão das possibilidades mencionadas acima.

³ Um exemplo de repetição que apresenta melodia entoacional ligeiramente alterada é o de certas repetições homogêneas que ocorrem depois de material de fundo que contém riso. Nesses casos, o riso das orações de fundo muitas vezes se estende parcialmente à oração repetida que o falante usa para retomar a narrativa, dando a essa um colorido melódico diferente do apresentado pela oração matriz.

Observe-se a semelhança entre o exemplo (7) acima, do sunwar, e os exemplos (5) e (6), do português: em ambas as línguas a curva entoacional – descendente na matriz e ascendente na repetição – se registra no âmbito de segmentos oracionais que marcam, respectivamente, o fim e o princípio de uma determinada unidade de discurso.⁴ A organização de um texto através da repetição da mesma unidade gramatical com contornos entoacionais opostos é um fenômeno presente em pelo menos duas línguas: o português e o sunwar. Isso, por sua vez, sugere que tais repetições talvez sejam uma estratégia discursiva recorrente nas línguas de uma maneira geral. Os exemplos (5) e (6), concernentes ao português, e o exemplo (7), ao sunwar, mostram que, sem se levar em conta a melodia entoacional desses dois segmentos oracionais – matriz e repetição –, não se poderia, por definição, atribuir às repetições registradas em (5)-(7) qualquer função de coesão textual.

2.4 Repetição em forma gramatical diferente com a mesma entoação

Da mesma maneira que as repetições podem apresentar a mesma forma gramatical com entoação diferente, o reverso também é verdadeiro. Ou seja, encontramos no texto oral vários exemplos de segmentos oracionais distintos, isto é, não repetidos, mas com a mesma melodia entoacional. Um dos exemplos mais claros no português de uma entoação que liga unidades oracionais distintas é um tipo de alongamento da vogal da sílaba tônica da última palavra de uma determinada unidade gramatical, normalmente uma oração. Isso é muito comum em listagens enumerativas, como em:

(8) Comprei liivro, (comprei) cadeeeerno, (comprei) láaapis...

Essa entoação não se limita, no entanto, a listagens, ocorrendo com frequência em trechos com em (9) abaixo (o alongamento vocálico matriz aparece em **negrito**, as repetições, em **negrito** e sublinhado, e a unidade oracional em que esses alongamentos se inserem, entre colchetes []).

- (9) 1. Aí depois apareceu um menino.
 2. O homem tava no no alto da árvore.
 3. Do jeito que apareceu o menino assim eu fiquei pensando
 4. [podia ser filho deee,]
 5. [alguém assim da fazeenda,] (Hum hum)
 6. alguma coisa assim que tivesse trabalhando junto (Hum hum) né?

⁴ cf. Schulze & Bieri (1973) para outros exemplos do mesmo tipo. É interessante observar ainda que, geralmente, em português, a unidade que se inicia com a oração repetida é formada por não mais do que duas orações – a repetição e mais uma outra oração, quase sempre coordenada à oração repetida por e ou mas: “Aí esse para. Para e olha as peras (...)”. Os exemplos citados em sunwar, como (7) acima, não nos fornecem maiores informações sobre o que se segue à oração repetida. A transcrição mostra somente que, depois da oração repetida, ocorre uma pequena pausa – marcada na transcrição pelo travessão (/) e na tradução para o inglês por uma vírgula – e que o texto continua, conforme nos indicam as reticências (...).

7. [Que o menino chegoou]
8. tão... nun nun (Risos) nunca imaginei que ia ser
9. o que foi depois não.
10. [Chegoou,]
11. [o homem tava lá na árvore,]
12. [o menino paroou,] (Hum hum)
13. [olhou pras pera...] (Hum hum)
14. Aí o menino fez que ia pegar uma pera assim. (Hum hum)
15. Fez que ia pegar uma, mas num pegou não.
16. Aí eu pensei assim
17. vai ver que é filho do do... DO MOÇO (RISOS)
18. e tá... ele deve tá pensando de roubar (Han han) as vez ele ele num
19. devia num é tá trabalhando (Hum hum)
20. ele tá é brincando (Han han) e ainda vai roubar a pera do pai né? (Han han)
21. [Que ele fez que ia roubar assiim]
22. [olhoou]
23. [fez de noovo...]
24. Aí ele pa/em vez desistiu...
25. de roubar a pera,
26. parou a bicicleta,

Esse é um exemplo bastante complexo e merece alguns comentários. Observe-se que, embora a maioria das orações que contém esse alongamento sejam orações diferentes, as linhas 10, 21 e 23 constituem exceções, uma vez que apresentam uma repetição parcial de orações anteriores. A linha 10 repete o predicado verbal da linha 7:

- (10) 7. [Que o menino chegoou]
 8-9. (...)
 10. [Chegoou,] (...)

e as linhas 21 e 23 repetem, cada uma, parte do predicado Fez que ia pegar, que ocorre pela primeira vez na linha 14. Repito, abaixo, parte do exemplo em (9) para conveniência do leitor:

- (11) 14. Aí o menino fez que ia pegar uma pera assim. (Hum hum)
 15. Fez que ia pegar uma, mas num pegou não.
 16-20 (...)
 21. [Que ele fez que ia roubar assiim]
 22. [olhoou]
 23. [fez de noovo...]

Observe-se ainda que a repetição parcial do predicado fez que ia roubar, na linha 21, e o alongamento vocálico, no final dessa unidade oracional – isto é, assiim –, remetem o ouvinte, simultaneamente, a dois pontos diferentes da história. A repeti-

ção do predicado verbal relaciona a linha 21 à parte narrativa propriamente dita (linhas 14 e 15), e o alongamento vocálico, por sua vez, liga a linha 21 a todas as outras partes do texto não-narrativo que contém esse alongamento.⁵ Exemplos como esses (linhas 21 e 23), que apresentam numa mesma oração dois tipos de repetição – um gramatical e outro entoacional – de duas partes diferentes do texto narrativo, possuem, na verdade, dupla função coesiva.

A função coesiva da melodia entoacional pode ainda ser observada ao retirarmos do exemplo (9) acima todas as orações interpostas entre uma oração alongada e outra:

- (12) 3. Do jeito que apareceu o menino assim eu fiquei pensando
 4. podia ser filho deele,
 5. alguém assim da fazeenda, (Hum hum)
 6. (...)
 7. Que o menino chegoou (...)
 8. (...)
 9. (...)
 10. Chegoou,
 11. o homem tava lá na áárvore,
 12. o menino parooou, (Hum hum)
 13. olhou pras peera... (Hum hum)
 14. (...)
 15. (...)
 16. (...)
 17. (...)
 18. (...)
 19. (...)
 20. (...)
 21. Que ele fez que ia roubar assiiim
 22. olhoou
 23. fez de noovo...
 24. Aí ele pa/em vez desistiu...

O fato de o texto em (12) acima formar um todo coeso mostra que as orações retiradas, embora adicionando informação pertinente à narrativa como um todo, são independentes das seqüências em (12). Nesse sentido, podemos dizer que as orações sem alongamento, de fato, interromperam a elaboração de uma parte da história, parte esta que o narrador retoma, sistematicamente, após cada interrupção.

Note-se ainda que a linha 21 retoma, especificamente, a linha 7. Ou seja, tanto a linha 21 quanto a linha 7 são iniciadas pelo mesmo conectivo *que* – conectivo este que costuma ser parafraseado por *porque* – mas que nessas duas orações desem-

⁵ Note-se que as unidades oracionais que apresentam essa entoação alongada compõem a parte não-narrativa do texto, ou seja, o material de fundo. Essas orações refletem o pensamento ou indagações do narrador (cf. linha 3). Desta forma, embora algumas orações do trecho alongado apresentem traços narrativos propriamente ditos (cf. linhas 10-13) – i.e. seqüência de orações que avançam a linha narrativa, verbos no tempo passado, etc. – essas orações de aparência narrativa estão, na verdade, inseridas dentro de um segmento não-narrativo, que reflete a introspecção do narrador com relação ao que aconteceu.

penha a mesma função: a de um seqüenciador de eventos e não a função de criador de relações causais ou explicativas. De novo, repito o exemplo para conveniência do leitor:

- (13) 6. (...)
 > 7. Que o menino chegoou (...)
 8-9 (...)
 10. Chegoou,
 11. o homem tava lá na árvore,
 12. o menino paroou, (Hum hum)
 13. olhou pras peera... (Hum hum)
 14-20. (...)
 > 21. Que ele fez que ia roubar assiim
 22. olhoou
 23. fez de noovo...

Ou seja, a linha 21 nos remete não só a todas as orações que apresentam alongamento, mas, especificamente, à linha 7. Desta forma, a linha 21 apresenta, na verdade, múltipla função coesiva, remetendo o ouvinte a vários pontos da história: à parte narrativa propriamente dita (linhas 14 e 15), com a repetição da forma oracional, à parte não-narrativa (linhas 5, 7, 10-13 e 21-23) com a entoação alongada e a uma parte específica do trecho alongado (linha 7) com a repetição do conectivo.

2.5 Forma gramatical parcialmente alterada com a mesma entoação

A maioria das orações repetidas num texto oral apresentam alguma variação na sua forma oracional. Essa variação, muitas vezes, envolve certo tipo de variação lexical, como alteração morfológica (alteração de flexão) ou semântica (substituição de itens lexicais por itens lexicais sinônimos ou paráfrases). Outras vezes, a variação é de ordem sintática como mudança de posição do item lexical dentro da oração, elipse ou combinação de duas ou mais orações numa única oração. Em todos esses casos, as orações mantêm a mesma melodia entoacional dentro de uma mesma estrutura básica (e pelo menos alguns dos itens lexicais apresentados na matriz). Consideremos (14) abaixo:

- (14) 1. Ele pega o balaio,
 2. coloca na bicicleta,
 3. a bicicleta tinha assim um...como se fosse um...
 4. uma coisa pra segurar um...
 Ouvinte: um suporte
 5. Um suporte. Havia um suporte pra segurar
 6. ele coloca o balaio, na bicicleta,
 7. e vai....

Note-se que a repetição na linha 6 combina, numa única oração, as duas primeiras do exemplo, enquanto mantém a mesma estrutura básica da matriz, a saber: $Sn_{pro} V_{trans} SN SAdv$: sujeito pronominal (*ele*), seguido de verbo transitivo (*coloca*), a que se seguem objeto direto (*o balaio*) e sintagma adverbial (*na bicicleta*). Também a mesma entoação é mantida, além da pausa, marcada aqui pela vírgula, que ocorre depois da palavra balaio nas linhas 2 e 6 acima. A repetição em (14) tem também a mesma função coesiva das repetições discutidas em 2.2, isto é, a de retomar a narrativa depois de uma pequena interrupção.

Outros exemplos ainda envolvem uma variação maior, como a ocorrência de itens lexicais diferentes, ou mesmo a substituição de certas partes da oração, até se chegar a um tipo de repetição em que somente o ritmo, a estrutura básica e pelo menos um dos itens lexicais da matriz são mantidos. (15)-(17), abaixo, são alguns exemplos desse último tipo de repetição.

- (15) 1. ... aí a Maria pegava o balde d'água com o pano
 2. esfregava no chão
 3. lavava sala
 4. **lavava varanda**
 5. **lavava escada**
 6. e **lavava tudo**, sabe?

- (16) 1. E bo/ e mon/ e os armários? / Os armários grandes que tinha lá.
 2. Ele mandou envernizar
 3. **mandou botar vidro**
 4. **mandou arrumar os armários todos**
 5. e fez presente pro colégio.

- (17) 1. ... papai já deu muita coisa pra senhora,
 2. já assinou no livro de ouro,
 3. já deu isso,
 4. já deu aquilo,

Nesses exemplos a repetição funciona como um intensificador ou superlativo da ação expressa pelo núcleo oracional. Em (15), a ocorrência do verbo *lavava* nas linhas 3, 4, 5, e 6, a estrutura sintática – $SN\phi$ lavava SN – (ou seja, sujeito elíptico seguido de objeto direto lexical), e a entoação são suficientes para caracterizar essas orações como repetições enfáticas. Em (16), o verbo *mandou* se repete nas linhas 2, 3, e 4, mas o verbo infinitivo subsequente varia. Outra diferença é que a matriz apresenta um predicado verbal aparentemente intransitivo, ou seja, cujo complemento é introduzido na oração anterior – *os armários* (linha 1) – e ocorre elíptico na matriz (linha 2). Nas orações seguintes (linhas 3 e 4), os predicados são claramente transitivos, com um sintagma nominal lexical preenchendo a posição de objeto. Outra diferença é que a matriz apresenta sujeito pronominal, ao passo que as repetições o apresentam em forma elíptica. Apesar dessas variações, a estrutura sin-

tática é a mesma, como pode ser visto em (16') abaixo:

- (16') matriz (linha 2): SN_{pro} Mandou + Infinitivo SN ϕ
 repetição (linhas 3 e 4): SN ϕ Mandou + Infinitivo SN

Em (17), a função intensificadora ou enfática da repetição é desenvolvida através da repetição do predicado *já deu*, seguido de SNs não-específicos: *muita coisa* (linha 1), *isso* (linha 3) e *aquilo* (linha 4).

Os exemplos (15), (16) e (17) apresentam uma função diferente da função coesiva que venho discutindo neste trabalho, por isso não vou me estender sobre esses casos. O objetivo de arrolar aqui esses exemplos é ressaltar que quanto maior a variação na forma da oração repetida, maior a necessidade de se manter a mesma prosódia dentro de uma mesma estrutura sintática, para que esses enunciados possam ser caracterizados como repetição.

É preciso ressaltar ainda que, dependendo do tipo de variação apresentado – seja na forma dos itens lexicais, seja na substituição ou elipse desses itens, seja na ocorrência de paráfrases ou na ordem das palavras dentro da oração repetida –, a repetição pode estar desempenhando funções diferentes no texto. Uma taxonomia dos tipos de variação que uma oração repetida pode apresentar e as várias funções que as orações resultantes desempenham no discurso oral são um trabalho que ainda está por se fazer.

3 Conclusão

Este trabalho procurou mostrar a importância da melodia entoacional na caracterização de repetições oracionais com função coesiva num texto narrativo oral. Por coesão entendem-se aqui repetições com a função de conectar partes de um texto, indicando para o ouvinte a retomada do fluxo narrativo.

Evidência da importância da melodia entoacional na caracterização de uma repetição se reflete, por exemplo, na maneira como transcrevemos e catalogamos um texto antes de analisá-lo: duas repetições oracionais contíguas serão intuitiva e automaticamente catalogadas como duas entradas independentes se apresentarem entoação diferente (e.g. exemplos (5) e (6)). Caso contrário, i.e., se duas repetições contíguas apresentarem exatamente a mesma melodia entoacional, elas não estarão desempenhando a função de concatenar uma oração a outra, mas poderiam, por exemplo, estar simplesmente preenchendo uma pausa, enquanto o falante planeja o que vai dizer a seguir.

Mesmo quando a forma da oração é diferente, mas a prosódia é a mesma, como no caso das orações que apresentam alongamento vocálico, é a repetição da melodia entoacional que desempenha a função de concatenar partes de um texto,

função esta normalmente associada à repetição da *forma* oracional.

No caso da repetição oracional com variação sugeriu-se que uma oração pode variar bastante e ainda assim ser considerada como repetição, bastando para isso que se repitam o contorno entoacional e a estrutura sintática da oração matriz. Em outras palavras, é preciso, nesses casos, que haja uma rima sonora e estrutural da oração repetida com a oração matriz.

A noção de repetição pode, em princípio, parecer clara o suficiente para ser usada como ferramenta capaz de nos fornecer subsídios para o estudo da oralidade. O que acontece no caso da repetição, como no caso de qualquer conceito gramatical examinado dentro do dinamismo da língua oral, é que torna-se gradativamente impossível dar andamento à pesquisa sem antes refletir criticamente sobre essas noções iniciais. Como observa Thompson, em entrevista a Dutra (1993, p. 219): “é preciso, sim, redefinir, é preciso examinar essas categorias gramaticais todas outra vez e tentar entendê-las em termos de suas funções no discurso.”

Um exame cuidadoso dos problemas metodológicos com que se depara o lingüista que busca seus dados em situações reais de fala constitui, a meu ver, a base para um estudo sólido sobre o discurso, pois junto à busca de respostas para problemas específicos de gramática, está também a busca de uma maior compreensão da natureza do nosso objeto de estudo.

ABSTRACT

This paper emphasizes the importance of intonation in characterizing the notion of sentential repetition. It is argued that without considering both the form and the intonational contour of repeated sentences it would not be possible to provide a satisfactory description and analysis of why clauses are systematically repeated in oral texts. The paper discusses, specifically, the function of clause repetition as a means of linking non-contiguous parts of a text – i.e. either as a means of picking up the story line again, or of signaling the boundaries between related chunks of material.

Referências bibliográficas

- BRODY, J. Repetition as a rhetorical and conversational device in Tojolabal (Mayan). **International Journal of American Linguistics**. Chicago: The University of Chicago, v. 52, n. 3, 1986.
- DUTRA, Rosália. O discurso e a gramática: uma entrevista com Sandra Thompson. D.E.L.T.A. São Paulo, v. 9, n. 2, p. 217-236, ag. 1193.
- GRIMES, J.. **The thread of discourse**. The Hague: Mouton, 1975.
- HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R.. **Cohesion in English**. London: Longmann, 1976.
- HOPPER, P. Aspect and foregrounding in discourse. In: **Syntax and Semantics**. v. 12. Discourse and Syntax. New York: Academic Press, 1979.
- LONGACRE, R. The paragraph as a grammatical unit. In: **Syntax and Semantics**. Discourse and Syntax. New York: Academic Press, vol.12, 1979.
- OCHS, E. Transcription as theory. In: OCHS E. & SCHIEFFELIN, (Org.). **Developmental pragmatics**. New York: Acadmics Press, 1979.
- POLANYI, L. False starts can be true. In: **Berkeley Linguistic Society**, n. 4, 1978.
- SCHULZE, M. e BIERI, D. Chaining and spotlighting: two types of paragraph boundary in Sunwar. In: **Clause, Sentence and Discourse Patterns in selected languages of Nepal**. Summer Institute of Linguistics. The University of Oklahoma, 1973.
- TANNEN, D. Repetition and variation as spontaneous formulaicity in conversation. **Language**. v. 63, n. 3, 1987.
- TANNEN, D. **Talking voices**; repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.